

VIAJAR, DISSIMULAR, PULSAR: PARA UMA BIOGRAFIA DE CLARICE LISPECTOR

Nádia Battella Gotlib

VIAJAR

Biografar Clarice... é acompanhá-la no seu movimento de constante deslocar-se, desde a aldeia quase perdida no mapa, onde nasceu, na Ucrânia, até o Brasil, em viagem dramática, empreendida pela família judia movida pelo desejo de melhores condições de vida. Para isso, teve de enfrentar, por exemplo, a violência de ataques dos cossacos, a fome, doenças, em viagem que continuou pela vida afora, mas já sem tantas dificuldades dolorosas e sob outras formas.¹⁸⁹ De Maceió, aonde chegou com pai, mãe e duas irmãs, por volta de 1920, muda-se, dois anos e meio depois, para Recife. De lá, para o Rio de Janeiro, em janeiro de 1935. De lá, já casada com diplomata, muda-se em 1944 para Belém do Pará, e, seis meses mais tarde, para a Europa, onde permanecerá por quase dezesseis anos morando na Itália (Nápoles), na Suíça (Berna), na Inglaterra (Torquay). E mais tarde nos Estados Unidos (Washington), de onde volta, em 1959, já separada do marido, para o Brasil. E de onde sai apenas para pequenas viagens ou por pequenos períodos de tempo.¹⁹⁰

Além destes, há outros lugares que percorre, que nos chegam nas crônicas autobiográficas publicadas semanalmente em coluna do *Jornal do Brasil*, onde colaborou de 1967 a 1973. E que foram publicadas - não todas, mas a maioria - no volume *A Descoberta do Mundo*. Numa série delas, de junho de 1971, nos conta as viagens que fez de trem, de camelo, de navio, de avião, em direção a Hamburgo,

¹⁸⁹ O deslocamento nos espaços é dado de construção estrutural de alguns dos seus romances. Protagonistas viajam, em processo semelhante ao do 'romance de formação. Algumas, durante e no final do romance, como Joana (de *Perto do Coração selvagem*) e Lucrecia (de *A cidade sitiada*). Ou viajam através da morte, como Virgínia (de *O lustre*) e Macabéa (de *A hora da estrela*), ou pela contemplação, no caminho da aprendizagem, como GH (de *A paixão segundo G.H.*), Lóri (de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*), ou ainda como Ângela e Eu (de *Um sopro de vida*).
¹⁹⁰ Esse percurso é mapeado na sequência da construção biográfica e da leitura da literatura de Clarice Lispector em: Nádia Battella Gotlib, *Uma vida que se conta*. São Paulo, Ática, 1995, e em edições revistas e aumentadas: Nádia Battella Gotlib, *Clarice, uma vida que se conta*. Trad. Álvaro Abós. Buenos Aires, Adriana Hidalgo ed., 2007; Nádia Battella Gotlib, *Uma vida que se conta*. 6 ed. rev. e aum. São Paulo, Edusp, 2009. E constitui o 'risco do bordado' da narrativa visual de: Nádia Battella Gotlib, *Clarice Fotobiografia*. São Paulo, Edusp, 2008.

passando pela Romênia; ao Rio, passando por Maceió; e a tantos países da Europa, e, por inesperado desvio de rota, a Groenlândia e a Bolama, na África.¹⁹¹

Algumas dessas viagens menciona apenas de modo breve e passageiro, como se quisesse registrar, não registrando. É o caso da viagem que fez a família da Ucrânia ao Brasil.

“Fiz na minha vida várias viagens por mar. À medida que eu for escrevendo vou me lembrando delas.

A primeira foi com menos de dois meses de idade, da Alemanha (Hamburgo) ao Recife: não sei que meio de transporte meus pais usaram para chegar da Ucrânia, onde nasci, para Hamburgo, onde meu pai procurou emprego mas, felizmente para nós todos, não achou.”¹⁹²

A leitura recente de documento original de sua identidade mostra que, efetivamente nasceu em Tchetchnik.¹⁹³ Mas o passaporte familiar emitido em Bucareste, na Romênia - tanto na versão em russo quanto na versão em francês - foi emitido em 27 de janeiro de 1922. Teriam viajado logo em seguida para o Brasil, chegando em início de 1922. Provavelmente em março de 1922, no navio “Cuyabá”. Clarice tinha, então, um ano e dois meses.

E noutra crônica, destaca o seu ponto de partida, com certa irritação, como bem demonstra o título da crônica: “Esclarecimentos: Explicação de uma vez por todas”. Remonta ao lugar do nascimento, mas como se nem quisesse mais falar no assunto.

“E a história é a seguinte: nasci na Ucrânia, terra de meus pais. Nasci numa aldeia chamada Tchechnik, que não figura no mapa de tão pequena e insignificante. Quando minha mãe estava grávida de mim, meus pais já estavam se encaminhando para os Estados Unidos ou Brasil, ainda não haviam decidido: pararam em Tchechnik para eu nascer, e prosseguiram viagem. Cheguei ao Brasil com *apenas dois meses de idade.*”¹⁹⁴

191 Clarice Lispector, “Viajando por Mar (1ª. Parte)”: *Jornal do Brasil*, 5.06.1971, *A descoberta do mundo*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 545; “Viagem de trem”, *Jornal do Brasil*, 5.06.1971, *A descoberta do mundo*, p. 547; “Já andei de camelo, a esfinge, a dança do ventre (conclusão)”: *Jornal do Brasil*, 12.06.1971, *A descoberta do mundo*, p. 549; “Falando em viagens”, *Jornal do Brasil*, 12.06.1971, *A descoberta do mundo*, p. 550; “Estive na Groenlândia...”: *Jornal do Brasil*, 12.06.1971, *A descoberta do mundo*, p. 551; “Estive em Bolama, África”: *Jornal do Brasil*, 12.06.1971, *A descoberta do mundo*, p. 552.

192 Clarice Lispector, “Viajando por mar (1ª. Parte)”: *Jornal do Brasil*, 5.06.1971, *A descoberta do mundo*, p. 545.

193 Nádya Battella Gotlib, *Clarice Fotobiografia*, p. 37, pp. 41-42.

194 Clarice Lispector, “Esclarecimentos: Explicação de uma vez por todas”. *Jornal do Brasil*, 14.nov.1970; Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*, pp. 498-499.

Em 1972 publica uma outra crônica intitulada “Uma próxima e excitante viagem pelo mundo”, num roteiro que parece querer reunir, num só programa, o melhor dos sonhos de uma vida inteira: ir a Londres, de lá, a Paris - rever a Mona Lisa, comprar perfume, ir ao teatro e a Rive Gauche. De volta a Londres, ir para a Itália: Roma, primeiro; Florença, depois. Entrará em contato com Onassis para combinar um cruzeiro pelo Mediterrâneo. E irá à Grécia, ver de novo a Acrópole. Inclui o Egito, para ver as pirâmides. E afirma: “A Esfinge me intrigou: quero defrontá-la de novo, face a face, em jogo aberto e limpo. Vou ver quem devora quem. Talvez nada aconteça.” Quer tomar banhos de mar em Biarritz. Voltar a Toledo e a Córdoba. Ir a Israel. E a Portugal, rever Lisboa e Cascais, visitar Natércia Freire, ir ao Chiado, reler o Eça. E a Libéria, em Monróvia, e, de volta, passar em Belém do Pará - para rever amigos - entre eles, Benedito Nunes; e, já no Rio, ir a Cabo Frio - para rever Pedro e Miriam Bloch.¹⁹⁵

Esse mundo que, efetivamente, percorreu, e que nos chega pelos textos autobiográficos, somado aos outros tantos, que, efetivamente, percorreu pela via de uma fantasia inesgotável, estende-se em roteiros que tendem a ligar os continentes todos, Oriente e Ocidente, Norte e Sul, numa rede - global - de linhas imaginárias. E que a cronista, em tom característico - de brincadeira descontraída ou *blague* - de repente desfaz, desmonta, como se fosse - e era, mesmo essa a data em que a crônica foi publicada em jornal - um primeiro de abril: o dia da mentira. Instaura aí um procedimento narrativo que lhe é peculiar: a certa altura, Clarice insere no circuito narrativo, uma força contrária, gera um curto-circuito, que reverte a direção do sentido. Clarice viaja mas não viaja. Foi brincadeira dizer que ia. Confessa até que não gostaria de conhecer Onassis... Mas só desfaz depois que já nos levou com ela. Não fica nem nos deixa ficar, pois, em lugar nenhum.

Assim como viaja, de verdade, e pela fantasia, ou não viaja, e também não fica, Clarice nasce, mas não pertence a nada e a ninguém. Em crônica intitulada “Pertencer”, de 15 de junho de 1968, remonta a sua história de vida autobiográfica para explicar este permanente estado: nasceu para curar a mãe, doente - que sofria de paralisia progressiva, mas o parto não cura a mãe. Clarice sente que falhou. E vive... a falha.

¹⁹⁵ Clarice Lispector, “Uma próxima e excitante viagem pelo mundo”. *Jornal do Brasil*, 1.04.1972, *A descoberta do mundo*, p. 645.

Se viver é pertencer...e é, segundo Clarice, então ela não pertence. Aliás, cita duas exceções: pertence ao seu país, o Brasil, afirma, porém muito formalmente... Mero formalismo? E pertence, ou melhor, “faz parte” da literatura brasileira, o que, de certa forma, também desmancha, afirmando que “por motivos que nada têm a ver com a literatura, pois nem ao menos sou uma literata ou uma intelectual”. Faz parte mas, na realidade, não faz. Não pertence.¹⁹⁶

Concluindo:

Embora viajante sempre, de tais circuitos o que fica - se alguma coisa fica - é a sensação de não ficar e de não pertencer a nenhum dos lugares por onde passa. E de não ‘ficar com’ nem pertencer a ninguém. Pontos de conexão duma viagem que se prolonga, referências que apontam para um outro, a rede de deslocamentos sucessivos e ininterruptos traduz um permanente estado de fantasiar, em inevitável, reiterado e solitário exílio.

DISSIMULAR

Biografar Clarice... é surpreender-se com os imprevistos de situações de contradição: um dizer hoje para não dizer amanhã, de quem faz mas apaga os rastros, como se não tivesse feito, negaceando informação. E obrigando o seu biógrafo a ir atrás com o intuito de vencer obstáculos para encontrar o que procura. ●u não encontrar... O biógrafo enfrenta também os dados de informação que lhe faltam ou porque não existem mesmo ou porque a própria Clarice faz com que passem a não existir... reforçando, então, pela ausência, a força do seu poder evocatório.

Alguns documentos ‘oficiais’ não trazem dados, apesar de se constatar que haveria dados a registrar. É o caso da certidão de nascimento. De um suposto original há duas traduções, mas com dados diferentes quanto à data da emissão do documento: num, registra-se 10 de dezembro; noutro, 10 de novembro. O documento original em ucraniano só apareceria 30 anos depois da morte de Clarice: em 2007.¹⁹⁷

A carteira de identidade para estrangeiro registra todos os dados referentes à chegada, só que...desse modo: data do embarque, em bran-

196 Clarice Lispector, “Pertencer”. *Jornal do Brasil*, 15.06.1968, *A descoberta do mundo*, p. 151.

197 A certidão original encontra-se no espólio de Elisa Lispector, irmã de Clarice Lispector, e uma cópia me foi cedida por sobrinha de Elisa Lispector, Nicole Algrant, neta de Tania Kaufmann, e, portanto, sobrinha de Clarice Lispector.

co; embarcação, em branco; porto, em branco; passaporte nº., em branco; expedido em, em branco; visado pela autoridade consular brasileira em, em branco; sob no., em branco; data, em branco; Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1940; assinatura ilegível do chefe de serviço; Ministério da Justiça e Negócios Interiores, Polícia Civil do Distrito Federal, DGI, Instituto de Identificação.

Outras vezes, a própria Clarice recusa-se a ceder informação em relação a certos assuntos. A data de nascimento é um exemplo. Despista apresentando várias, em diferentes momentos, naturalmente, avançando no ano de nascimento à medida em que a idade avança. A tal ponto que há várias datas, à escolha: 1925, a que a crítica adotou, por depoimento dela; 1920, de alguns documentos e segundo declaração do pai; 1921, 1926, 1927, noutros documentos, já segundo a própria Clarice. Ou declara data nenhuma. Certa vez, já nos anos 70, indagada a respeito da idade, responde: de modo incisivo: “Nasci na Ucrânia. Quando? Não, não quero dizer”.¹⁹⁸ Calase no que se refere a sua origens judaicas, talvez porque não queira delas se lembrar, quem sabe porque remetam a período de miséria e sofrimento. Não menciona, por exemplo, que frequentou o Colégio Hebreu-Ídiche-Brasileiro, em Recife. Assume um voluntário ‘não dizer’ sobre tantas outras coisas que ficam para sempre guardadas na arca dos fatos invioláveis. Já nos anos 70, um repórter de Recife lhe perguntou a respeito das suas paixões. Ela responde: “- É segredo.”¹⁹⁹ Mais uma rede amarrando os dados autobiográficos de Clarice, a dos enigmas indecifrados, sobre os quais pairam hipóteses, muitas hipóteses, e nenhuma resposta definitiva.

Aliás, nas crônicas, se há dados autobiográficos, transformam-se em ‘motivos’ de ordem biográfica, que se misturam a fantasias, ficções... A crônica sobre o roubo do livro é também conto erótico, de amor, da menina pelo livro, ou, metaforicamente, pelo homem, numa série de objetos fetichizados, que selam a relação de... leitora ou devoradora sádica do ‘outro’.²⁰⁰ A crônica sobre o chiclete que a menina acaba mastigando sem trégua é também uma página de reflexão sobre como essa bala cor

198 Clarice Lispector, depoimento a Maryvonne Lapouge e Clelia Pisa, em: Maryvonne Lapouge e Clelia Pisa, “Clarice Lispector”, *Brasileiras*, Paris. Éd. des Femmes, 1977, p. 194.

199 Clarice Lispector, em entrevista concedida a José Mário Rodrigues e Marcus Siqueira em Recife, publicada postumamente: *Jornal do Comércio*, 18.12.1977.

200 Clarice Lispector, “Felicidade clandestina”. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro, Sabiá, 1971, pp. 5-8.

de rosa e doce, que não acaba nunca, acaba sendo cinza, sem gosto, ou seja, como a eternidade é insuportável. Nesses textos desmontam-se os limites entre a autobiografia e a ficção.²⁰¹

O seu processo de escrita, de certa forma reforça o processo da leitura que fazemos de tais documentos: escreve em fragmentos soltos, em guardanapos ou pedacinhos de papel, que, depois, se perdem, já que, para a autora, são apenas suportes descartáveis. A escritora espalha esses miolos de papel na sua trilha. E são eles recuperados pelo leitor que a segue nesse percurso de vida e obra, atenta aos sinais, rastros, na tentativa de remapear os sentidos. Mas sem nunca alcançar o alvo, já que é fisgado pela autora que, calculadamente, desnortea o rumo do leitor-perseguidor e projeta-o na contramão.

Por vezes, de modo um tanto deselegante, que amigos perdoam e, inimigos, se os houve, jamais. Certa vez convida Autran Dourado, seu grande amigo, a visitá-la. Depois, simplesmente, não o recebe porque... mudou de idéia. Comparece a inúmeros jantares e de repente se retira, porque não consegue ficar socialmente entre as pessoas presentes.²⁰²

Rações de vida pessoal são, pois, alimentadas pelo inusitado, que de repente acontece. Simplesmente não quer mais ficar no jantar - ou receber o amigo. Sob tal aspecto, equivalem-se a procedimentos de ordem artística: sua narrativa, que caminha, tal como a vida, em estado de periclitância, de repente se rompe, em mergulho de experiência única, em que se desvenda algo 'insólito', que, na maioria das vezes, é também algo muito 'comum'. Quer fato mais banal do que matar baratas? Pelo menos, no Brasil.

O motivo - a receita de como matar baratas - nasce numa 'página feminina' intitulada "Entre mulheres", do jornal *Comício*, dirigido por Rubem Braga e também por Joel Silveira e Rafael Correa de Oliveira. Clarice, que colaborou nesse jornal de maio a setembro de 1952 com o pseudônimo de Tereza Quadros, nele publica, no dia 8 de agosto, um fragmento que leva o título - um tanto perverso - de "Meio cômico, mas eficaz..." Vale a pena recordar. Eis o fragmento.

"De que modo matar baratas? Deixe, todas as noites, nos lugares preferidos por esses bichinhos nojentos, a seguinte receita: açúcar, farinha e gesso, misturados em partes iguais. Essa iguaria

201 Clarice Lispector, "Medo da eternidade". *Jornal do Brasil*, 06.05.1970: *A descoberta do mundo*, pp. 446-448.

202 Autran Dourado, depoimento concedido a Nádia Battella Gotlib. Rio de Janeiro, c. 1992.

atraí as baratas que a comerão radiantes. Passado algum tempo, insidiosamente o gesso endurecerá dentro das mesmas, o que lhes causará morte certa.

Na manhã seguinte, você encontrará dezenas de baratinhas duras, transformadas em estátuas.

Há ainda outros processos. Ponha, por exemplo, terebentina nos lugares frequentados pelas baratas: elas fugirão. Mas para onde? O melhor, como se vê, é mesmo engessá-las em inúmeros monumentozinhos, pois “para onde” pode ser outro aposento da casa, o que não resolve o problema.”²⁰³

Tal como este fragmento, em que o narrador (ou melhor, a narradora colunista Clarice-Helen) curte o aviar da receita de um maquiavélico ‘doce veneno’, Clarice escreveu centenas de páginas femininas. Mais tarde, já separada do marido, com dois filhos para criar, numa fase em que precisava ganhar dinheiro manteve coluna no *Correio da Manhã*, coluna intitulada “Feira de Utilidades”, sob o pseudônimo de Helen Palmer, de agosto de 1959 a fevereiro de 1961. E escreve como *ghost writer* de Ilka Soares - conhecida estrela de cinema brasileiro - a coluna intitulada “Só para mulheres” no *Diário da Noite*, de abril de 1960 a março de 1961.²⁰⁴

A receita de ‘como matar’ baratas, construída ou alimentada, tal como o seu texto, pelo princípio da dissimulação - fingir que é uma coisa, quando é outra - foi o recurso utilizado pela jornalista-escritora para seduzir a leitora de página feminina, mulher desprevenida, de repente fisgada por um texto que parece ser uma simples recomendação de limpeza ou dedetização ou assepsia do lar, mas acaba sendo um denso, forte e pungente texto sobre a necessidade - e o prazer - de enfrentar o outro, a morte, já que não adianta simplesmente afugentar certos impulsos perversos, que, em algum lugar da casa, como fantasmas - e o são - reaparecerão.

203 Tereza Quadros (pseudônimo de Clarice Lispector), coluna “Entre mulheres”. Rio de Janeiro, *Comício*, 08.08.1952, p. 18. Seleção dessa matéria jornalística foi publicada em: Clarice Lispector, *Correio feminino*. Org.: Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006; Clarice Lispector, *Só para mulheres*. Conselhos, receitas e segredos. Org.: Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. Análise dessa matéria encontra-se em textos de Aparecida Maria Nunes, como: Aparecida Maria Nunes, Tereza Quadros. *Clarice Lispector jornalista*. Páginas femininas & outras páginas. São Paulo, SENAC, 2006, pp. 119-196.

204 Escreve mais de 400 páginas ou colunas femininas, segundo dados pesquisados por Aparecida Maria Nunes. No jornal *Comício*, a coluna “Entre Mulheres” ocupa 17 páginas em 17 diferentes números do jornal. No jornal *Correio da Manhã* há 128 colunas “Correio Feminino-Feira de Utilidades”. E no tablóide “Diário da Noite” há 291 colunas “Só para mulheres”. Ao todo, entre páginas e colunas, compôs 436 unidades.

Mais perverso ainda é o recurso utilizado por Clarice no sentido de fisgar as caríssimas leitoras porque mistura - como bruxa em caldeirão - outros textos na página, típicos de imprensa feminina da época: textos amenos, típicos do gênero 'imprensa feminina', como traduções de alguns autores estrangeiros, modelos de vestido (receita de vestir) e receitas de bolinhos de queijo fritos (receita de comer)... todos, açúcar, para adoçar a boca da leitora, escondendo, aí, a poção de um texto estarrecedor sobre a morte... que terá seguidores, sob a forma de conto, em "A quinta história"²⁰⁵ e sob a forma de novela, em *A paixão segundo G.H.*²⁰⁶

Sob a forma de conto, "A quinta história" desdobra-se em cinco histórias, começando todas de um ponto único, pela repetição do começo, e a partir daí desenvolve-se parcialmente igual à anterior, parcialmente dela diferente, até a quinta, quinta essência da narrativa, de que só existe o título, sinal de matéria narrativa ausente, virtual. Assim também o próprio processo narrativo da autora se faz por desdobramentos sucessivos: da notícia (que inocente notícia!) jornalística ao conto e daí ao romance. Todos, pela simulação, destróem uma ordem: não é só receita (de comer, de vestir, de matar), mas há aí um outro mundo paralelo, modos de viver e/ou morrer, cujos estilos - de vida e de morte - equivalem-se. Assim como não é só uma história, mas muitas.

Da mesma forma, na novela *A paixão segundo G. H.* não há propriamente a história de uma mera arrumação do quarto pela escultora G.H., mas uma total desarrumação, dismantelando toda uma estrutura cultural calcada em princípios éticos, morais, estéticos que, às custas de muito esforço e sofrimento dessa escultora, finalmente acaba desabando. A protagonista mata a barata e, com ela, certezas, expectativas, conformismos reacionários, deixando emergir matéria viva recalçada de uma espécie arcaica, selvagem, primitiva, contudo, ainda viva.

Concluindo:

A uma aparente despreocupação mistura-se um calculadíssimo processo criador, quando se trata de construir uma imagem de vida/morte ou uma imagem em obra, o que também poderia ser considerado como um recurso ou um procedimento

205 Clarice Lispector, "A quinta história". *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1964, pp. 91-94. (O conto teve publicação anterior na revista *Senhor*, abril/1962).

206 Clarice Lispector, *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1964.

narrativo. É também com a ambiguidade que está a lidar quando dificulta, ou mesmo impede a permanência dos dados de sua vida e de sua obra. Esse ato pode traduzir certo desprendimento em relação a si mesma. Ou o contrário. Por um lado, construiu, ao longo dos anos, um respeitável acervo de pertences, com fotos, livros e documentos. Por outro lado, parece querer desmonumentalizar-se. Seja como for, justamente ao dificultar o acesso e o uso das provas dos fatos biográficos e literários, acirra a curiosidade, instiga a pesquisa, seduz o leitor - de obra e de vida - , que se vê perseguindo o seu objeto, em linhas que se retornam a um ponto, abrem-se em espiral, rodeando um mundo à procura desse mesmo objeto, que é: Clarice. Mas... qual Clarice?

PULSAR

Biografar Clarice... é enfrentar não só os deslocamentos no espaço pela busca constante de algo que se esvai, inatingível, nem os imprevistos e contradições do despiste cultivados pela arte da dissimulação, mas é enfrentar os desdobramentos sucessivos das histórias da própria biografada, que parece - quem sabe ficcionalmente? - cultivar imagens de si, em múltiplas figurações, a tal ponto que até a proposta autobiográfica também se dilui. Como tudo, aliás, em Clarice, que cultiva o esfacelamento das convicções, tentando despir os objetos de invólucros das convenções cristalizadas. Tudo tende, pois, para o seu contrário: a própria escrita tende para a não escrita, ritmo puro, matéria viva pulsando, num quase nada.

Assim sendo, conta fatos de sua vida, assumindo o caráter autobiográfico dos textos: a infância em Recife, os banhos de mar com o pai, as escolas onde estudou em Recife (não todas), a doença da mãe, o livro de Monteiro Lobato que a menina rica não lhe empresta e depois acaba lhe emprestando por interferência da mãe, o chiclete de bola que a irmã lhe compra. E afirma também que nunca vai escrever autobiografia, assemelhando-se a sua personagem de *Água viva*: “Muita coisa não posso te contar. Não vou ser autobiográfica. Quero ser ‘bio’”²⁰⁷ E a partir de alguns dados de ordem ‘biográfica’, a própria biografia se desfaz: “Quero ser ‘bio’”, afirma a personagem-autora, já sem a grafia.

²⁰⁷ Clarice Lispector, *Água viva*. Rio de Janeiro, Artenova, 1973, p. 42.

Constrói uma imagem de si destruindo qualquer barreira de setorização. E, assim, inviabiliza classificações. É o que aparece na estrutura do romance *A Hora da Estrela*, em que a autora-escritora Clarice é o narrador Rodrigo, que, por sua vez, é a personagem Macabéa - judia no nome e nordestina de Alagoas - , que é, por sua vez, Clarice de novo. A dança do ser-autor em movimento, por diferentes lugares, por contraditórios e coerentes procedimentos, passa também pelo crivo inventivo de diferentes pessoas/personagens, com traços de identidade nacional: há uma conjunção da personagem judia, nordestina e carioca; com traços de identidade social: da classe alta, média e baixa ou pobre; e traços de identidade pessoal, pela via da categoria de gênero: feminino, masculino e neutro - em que cada um dos termos da tríade pode ser - e é - também o outro, compondo, assim, um terceiro, numa combinatória variável, móvel.

Essa nova 'ordem' pode inclusive ser adotada na consideração do gênero narrativo, que é documento, é ficção, mas é sobretudo ambos, ou seja, é um outro, um terceiro, que já não é nenhum dos anteriores. Os gêneros diluem-se e reerguem-se para além dos limites das respectivas especificidades.

Macabéa, que nada tem, onde vale quem tem, morre porque pobre aí não tem vez. Não pode desejar, nem sonhar. E neste justo momento de morte, *pulsa*, vibra, na plenitude da vida de quem já é estrela e brilha e permanece, em silêncio, porque é ninguém. Talvez por isso - por enfrentar de modo tão duro a dura realidade brasileira-, condenada à miserabilidade, seja este o livro mais brasileiro de Clarice, inclusive porque retoma, em nova versão, também demolidora, o romance nordestino dos anos 30 - ao enfocar, agora, o nordestino que, fugindo da seca, atravessou o sertão e veio tentar a sorte na cidade grande do sul. Talvez por isso seja também o livro mais 'transcultural' - como tudo, em Clarice, pois pode também ser uma nova versão da primeira grande viagem da família judia que, fugindo da fome e dos *pogroms*, atravessou a Europa e o Atlântico e veio tentar a sorte nessa América do Sul.

As Clarices - daqui, do Brasil e da Ucrânia, e de todo lugar - com suas marcas de autora e pessoa - reiteram elas também um processo de reinvenção e, ao aí ressurgirem, simulam o jogo das imagens de si e do outro, em estratégias discursivas

variadas - negações, contradições, dissimulações, transfigurações, transculturações. Nesse ato desmancham o que foi feito e reinauguram um novo modo de ver e ler essa alteridade, em que todos se auto-devoram, antropofagicamente, pois vivem uns às custas dos outros, inclusive o romancista, que nada pode fazer para salvar a sua personagem. Amor - criação - leitura - arte - tudo é luta, duelo com um 'outro' e nisso são todos iguais, na selvageria dessa chama que pulsa, desse "fôlego humano", conforme expressão de Clarice ao descrever, numa crônica intitulada "Espanha", a dança flamenga²⁰⁸. Também nela, homem e mulher reencontram-se na selvageria do enfrentamento da vida - e da morte - ou seja, como pessoa e como ninguém.

Biografar Clarice é também aceitar o desafio desse duelo, ao desbravar sucessivas camadas de profundezas do outro, espaço sem redenção, onde se encontra, contudo, o milagre da vida que resiste, da espécie arcaica que, pelo incessante viajar/dissimular/pulsar, em reiterados rituais de "fantasticções", nos eleva à condição de bravas e seculares baratas-vivas, apesar de tudo e na crueza da sua primitiva selvageria.

208 Clarice Lispector, "Espanha". *Jornal do Brasil*, 28.11.1970, *A descoberta do mundo*, pp. 503-505.